

# **A ONTOGÊNESE DO SER SOCIAL A PARTIR DO TRABALHO: DISCUSSÕES CRÍTICAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE QUÍMICA**

**To be the ontogenesis social work from: discussions on  
the critical chemistry teacher training**

**Bárbara Carine Soares Pinheiro, Edilson Fortuna de Moradillo**

Universidade Federal da Bahia

bcarine@ufba.br

## **Resumo**

O presente trabalho é decorrente de uma pesquisa empírica de cunho qualitativo, desenvolvida em um componente curricular da dimensão prática do currículo de formação de professores de Química da Universidade Federal da Bahia, denominado O Professor e o Ensino da Química (QUIA43). Esta pesquisa esteve amparada no Materialismo Histórico-Dialético, mesmo referencial teórico que norteia a disciplina. Nesta investigação realizamos uma análise documental das sínteses entregues pelos estudantes ao final da disciplina buscando identificar a apropriação da concepção de trabalho como fundante do ser social. Majoritariamente os discentes do componente curricular QUIA43 mostraram-se críticos com relação a noção de trabalho, desmistificando esta categoria social tida como um mal necessário na nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Trabalho; Ontologia do ser social; Formação de Professores.

## **Abstract**

This work is the result of an empirical study of qualitative approach, developed in a curricular component of the practical dimension of the curriculum for training of Chemistry teachers of the Federal University of Bahia, called The Teacher and the Teaching of Chemistry (QUIA43). This research was supported in Historical Materialism Dialectical - even theoretical framework that guides the discipline. In this investigation we conducted a documentary analysis of the summaries submitted by students at the end of the course trying to identify the ownership of the design work as the fundamental social being. Mostly the students of the curricular component QUIA43 proved to be critical of the notion of work, demystifying this social category seen as a necessary evil in our society.

**Keywords:** Work; Ontology of social being; Teacher training.

## **Introdução**

De acordo com Marx (1980) o trabalho é o fundamento ontológico do ser social. Inauguramos a nossa humanidade, que é social, por meio do trabalho; compreendido como a mediação intencional do ser sobre a natureza para dar conta da sua existência. Entretanto, a noção de trabalho na sociedade atual assume a conotação de um mal necessário. Numa perspectiva alienada homens e mulheres contemporâneos têm uma percepção negativa do trabalho; de modo que é muito comum as pessoas detestarem dias como a segunda-feira, onde iniciam as suas atividades de trabalho, e amarem a sexta-feira, dia onde o trabalho geralmente é findado para dar início ao final de semana. Em outras palavras, o sistema capitalista, por meio da exploração velada do homem pelo homem, nos fez desprezarmos aquilo que nos humaniza.

Apesar de não realizar mediações de primeira ordem (homem-natureza) o professor é um ser social que está submetido a lógica do sistema capitalista, por meio das relações de exploração, principalmente no que se refere ao ensino em instituições privadas. No entanto, estas discussões que tratam das relações de exploração, que envolvem o trabalho docente, são pouco travadas nos cursos de formação de professores. O docente também é um ser social e como todo ser social é regido pela lógica do sistema capitalista que se baseia nas relações estabelecidas a partir do modo de produção.

A questão “que tipo de professor queremos formar?” remete a uma questão anterior: “que sociedade nós almejamos?”. Diante dessa questão o professor não pode deixar de se posicionar, seja a favor de uma posição conservadora ou reformadora da sociedade atual ou que disputa a transformação, dentro dos limites da sociedade atual, visando a emancipação humana. Dentro da perspectiva de alcançarmos uma sociedade emancipada humanamente e sem a exploração do homem pelo homem, sinalizamos para um currículo de formação de professores que questione o *statu quo* atual, que contrarie os interesses da classe dominante e que promova a consciência de classe nos educandos.

A incorporação de discussões de natureza sociológica, econômica, política, ética e epistemológica nos currículos dos cursos de formação de professores é algo de extrema importância no sentido de formarmos sujeitos que se engajem na construção de um projeto de humanidade emancipada.

Neste artigo traremos parte de uma pesquisa desenvolvida no currículo dos cursos de Licenciatura em Química da Universidade Federal da Bahia (Ufba), no componente curricular denominado de “O Professor e o Ensino de Química – QUI A43”. Para isso realizaremos uma análise documental das sínteses realizadas no final do curso pelos estudantes do componente curricular QUI A43, com o objetivo de capturar a apropriação da concepção de trabalho como fundante do ser social.

## **Formação de professores na Perspectiva Crítico-Dialética**

As políticas públicas de formação de professores são condicionadas pelos interesses do Estado, que, em última instância, serve à classe dominante, no entanto elas chegam aos professores travestidas de avanços educacionais que contemplarão a sociedade como um todo. Nesta encruzilhada, de manter o *statu quo* ou lutar por uma sociedade emancipada, dentro de processos sociais alienantes e alienados, se encontra o professor, com condições estruturais de trabalho mínimas,

com cargas horárias altíssimas e com salários dignos de vergonha, principalmente os professores do ensino básico.

Neste contexto encontra-se o professor anestesiado politicamente, que perdeu de vista a sua capacidade revolucionária e que não se sente explorado dentro dos moldes capitalistas. A própria noção de luta de classes desaparece do cenário educacional e é tida como algo ultrapassado. Os professores não se reconhecem dominados e explorados, principalmente em razão da imaterialidade do seu trabalho. A natureza do trabalho docente é não material, se insere no campo dos serviços sociais, o que favorece o processo de alienação desta categoria, limitando a sua compreensão do seu processo exploratório por parte do sistema. Nesse sentido:

No caso dos professores, a contribuição para o processo de acumulação se dá a partir de uma característica muito peculiar do seu trabalho: a sua natureza não-material, já que não é possível separar o produtor de seu produto. Essa natureza limita, de certo modo, a realização do trabalho segundo o modo capitalista, que passa a se dar indiretamente, por meio de diferentes mediações que convençam o trabalhador, pela força ou pela persuasão, a ser artífice da própria exploração, ao tempo que busca sua realização pessoal, vinculada a finalidades (KUENZER, 2012, p. 09).

Está interferência maléfica do capital no imaginário educacional produziu reflexos não só na atividade do docente em exercício, como também na formação do licenciando. Mediante a situação de calamidade pública educacional vivida em nosso país, houve uma drástica evasão de estudantes em cursos de licenciatura em todo o território nacional, bem como uma não reposição das vagas docentes geradas por aposentadorias nas escolas básicas e nas universidades<sup>1</sup>. Este cenário, juntamente com a crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2006), que avança cada vez mais para o setor de serviços, gerou um fenômeno que proporcionou o aumento de bolsas universitárias para os cursos de licenciatura (principalmente em cursos privados), a ampliação precária no número de cursos oferecidos no país, o desenvolvimento de cursos de formação docente a distância, bem como a abertura de cursos noturnos de licenciaturas em diversas universidades e institutos públicos do nosso país a fim de cooptar a classe trabalhadora que possui suas atividades profissionais durante o dia e possui a chance de realizar o sonho de obter o diploma universitário através de um curso como este frequentado à noite.

Quando se discute a formação docente é fundamental não esquecer as reais condições da educação brasileira. São vários os fatores externos ao processo pedagógico que vêm prejudicando a formação (inicial e continuada) de professores em nosso país, a exemplo da precariedade da infraestrutura escolar e do aviltamento salarial dos professores (ECHEVERRIA; ZANON, 2010).

Além das questões salariais cabe destacar as condições de insegurança as quais muitos professores se expõem, fundamentalmente aqueles que trabalham a noite, em escolas públicas periféricas onde o “braço” do Estado não chega. Muitas destas escolas são controladas pela violência local impulsionada pelo tráfico de drogas que possui uma raiz social, mas que a sociedade capitalista remete a uma questão individual.

---

<sup>1</sup>As Universidades públicas conseguiram ampliar e repor parcialmente as vagas existentes nesses últimos 13 anos.

Para o capitalista, a escola fornece as condições igualitárias de ascensão social e, nela, se o sujeito não ascende, a culpa é de uma incapacidade pessoal dele e, se este se torna um sujeito violento, ele foi o seu próprio algoz, uma vez que este indivíduo teve as condições sociais necessárias à transformação de sua vida econômica pela via da escola.

Nós apontamos que não compactuamos com tal proposição individualista e alienante do capital, que busca nos segregar cada vez mais e nos faz nos centrar em nós mesmos de modo a perdemos a nossa consciência de classe e nos percebemos, não mais como indivíduos-sociais, mas como indivíduos-individuais. Infelizmente, desde que nascemos os nossos limites sociais invisíveis são postos pela barreira do capital. Apesar de algumas pessoas ascenderem socialmente, o que é importante para os interesses do capital, pois estes servem como exemplo, a grande maioria da população se encontra estática em suas condições de miséria em razão das barreiras sociais que lhes são impostas, mas são socialmente tachadas de incompetentes uma vez que “tiveram” as condições necessárias para o seu avanço.

Uma das formas de avançar para superar essa situação é através de Projetos Políticos dos Cursos de Formação de Professores que propiciem a formulação de um currículo crítico, que radicalize na análise das relações sociais vigentes. Por isso, defendemos que nos currículos dos cursos de formação de professores a discussão sobre a categoria trabalho seja feita de forma desfetichizada, radicalizando na sua análise através da gênese e desenvolvimento do ser social.

## **Metodologia**

A pesquisa em relevo possui como paradigma direcionador a teoria crítica, que se baseia nas contribuições da teoria marxista. Os críticos, dentro da perspectiva que adotamos, mantêm como princípios básicos a realidade como objetiva e fora da consciência, a consciência como produto da evolução material (TRIVIÑOS, 2007), a transformação de um mundo social estruturado em classes por meio de macroestruturas de poder e o conhecimento como uma aquisição subjetiva de bases dialéticas.

O trabalho em questão possui uma natureza descritiva/compreensiva na qual visamos capturar a apropriação da concepção de trabalho como fundante do ser social pelos discentes do curso de Licenciatura em Química da UFBA.

A análise dos dados realizou-se a partir da análise documental. Segundo Lüdke e André (1986), a análise documental busca identificar informações factuais nos documentos, a partir de questões ou hipóteses de interesses previamente definidas.

A seguir falaremos um pouco sobre o contexto da pesquisa, do processo de levantamento dos dados e sobre a análise destes.

Esta pesquisa foi realizada no componente curricular O Professor e o Ensino da Química – QUI A43, no primeiro semestre letivo do ano de 2015, que contava com 14 estudantes e uma ouvinte que desenvolvia na disciplina uma pesquisa de doutorado.

## Resultados e discussão

No componente curricular QUIA43 os estudantes cursantes são submetidos a um sistema de avaliação baseado na apresentação oral dos textos e livros, na participação e discussão ao longo das aulas e ainda na elaboração de uma síntese final do curso na forma de uma resenha crítica. Esta síntese deve refletir a apropriação dos conteúdos ao longo do percurso do curso, levando o estudante a se posicionar.

Como dito anteriormente, fizemos a análise documental destas sínteses buscando capturar a compreensão discente acerca da categoria trabalho como fundante do ser social.

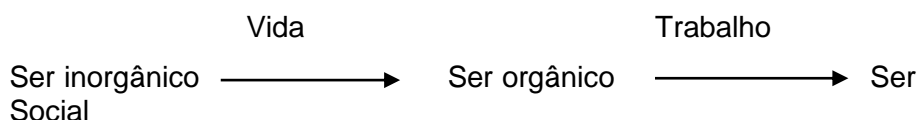
Dos quatorze estudantes, três não falaram da categoria trabalho em suas sínteses; os outros 11 destacaram o trabalho como fundamento ontológico do ser social, sendo que, quatro destes destacaram outras discussões relevantes associadas ao conceito de trabalho.

A seguir trazemos alguns trechos extraídos das sínteses dos estudantes que evidenciam as compreensões que eles tiveram da categoria em questão:

**Estudante A:** Dentro ainda de uma perspectiva marxista, temos que o fato de a partir do domínio do fogo do homem pré-histórico e da fixação em um lugar deixando de serem nômades, ocorreu naturalmente o desenvolvimento do trabalho, ou seja, a mediação do homem com a natureza de modo que tanto homem como natureza começam a ser modificados. Ou seja, a partir deste ponto, o homem pode ser considerado homem, pois segundo Marx, “o trabalho é condição fundamental de toda vida humana”. Isso pode ser considerado um salto ontológico, ou pelo menos o começo dele, pois não é um processo instantâneo ele leva anos para acontecer de fato.

**Estudante B:** Na disciplina foi discutido o termo “trabalho” como a transformação do homem como ser orgânico em homem como ser social, que difere completamente dos “trabalhos” realizados pelas abelhas e formigas, por exemplo, que são determinados geneticamente.

O trabalho seria a transformação da prévia ideação com a matéria-prima fornecida pela natureza numa objetivação e é exatamente isso que diferencia o ser orgânico do inorgânico, como ilustrado no esquema abaixo.



**Figura 2.** Esquema síntese de saltos ontológicos apresentado pelo estudante B

Tanto na fala do estudante A quanto na fala do estudante B, podemos notar que há uma explicitação da ideia de “trabalho como condição fundamental de toda vida humana, em outros termos o trabalho é compreendido por eles como uma ação fundante da nossa humanidade.

Na fala do estudante A ele relaciona a categoria trabalho ao próprio desenvolvimento do fogo, uma das mediações do homem com a natureza que propiciou a este o desenvolvimento de várias outras objetivações como a tinturaria, a

cerâmica, a fundição de metais, o cozimento de alimentos, dentre outros. Associado ao domínio do fogo também está o desenvolvimento do sedentarismo, pois por meio do conhecimento acerca da produção do fogo o homem pode se proteger dos períodos de frio, bem como se proteger de outros animais; este fenômeno fez com que o homem pudesse se estabelecer em um lugar desenvolvendo ali a agricultura e a pecuária. Neste sentido, outras formas de trabalho se estabeleceram a partir do fogo. O estudante A também destaca que o trabalho é a mediação do homem com a natureza e que esta mediação foi fundamental para o desenvolvimento humano, destacando que este salto ontológico do ser orgânico para o ser social não é algo instantâneo, mas sim processual e gradativo. Em outras palavras, existem vários microssaltos ontológicos que nos permitiram e nos permitem ser o que nós somos.

Com relação ao estudante B ele foi o único estudante a apresentar o esquema discutido na disciplina que expõe as três esferas ontológicas do ser, informando quais os fatores determinantes nos dois grandes saltos ontológicos: do ser inorgânico para o ser orgânico e do ser orgânico para o ser social. Ele também buscou diferenciar o trabalho feito pelo homem do “trabalho” feito pelo animal, por meio da determinação genética da ação dos animais. Quaisquer abelhas nascidas para construir colmeias conseguem construir colmeias perfeitas, isto porque esta atividade de construção de colmeias está determinada no seu código genético. Entretanto, os homens constroem imóveis de diferentes formas, com diferentes nuances, com erros e acertos; isto porque a intencionalidade está presente na ação humana e se expressa por meio da categoria da prévia ideação, onde ele antecipa em sua mente o objeto da sua ação na natureza (objetivação).

**Estudante X:** A partir destes pressupostos filosóficos foi discutido o papel do trabalho no desenvolvimento do ser humano, sendo este fundante no processo de humanização do "homem". Ao realizar trabalho o ser humano transforma a natureza e a si mesmo enquanto sujeito. Nutrida por uma necessidade a ser suprida, a ação de transformação do homem sobre a natureza produz o objeto, este é antecipado por um planejamento, uma prévia ideação do mesmo (teleologia). Este objeto, materializado por um indivíduo, no decorrer dos anos é apropriado por outros indivíduos e dentro de determinado tempo torna-se patrimônio da humanidade vindo a ser utilizado para finalidades distintas daquela que o originou. Tal apropriação pode ser genérica em si, esta é irrefletida, ocorre de forma espontânea, não exige esforço para que aconteça; ou genérica para si, a qual é refletida, se faz necessário esforço para que aconteça, é uma apropriação consciente. A apropriação irrefletida precisa das funções psíquicas inferiores também chamadas de elementares ou involuntárias (sensação percepção, atenção involuntária memória involuntária) para que aconteçam, inerentes ao ser humano são biológicas. Já apropriação refletida ocorre através das funções psíquicas superiores(memória voluntária atenção voluntária), as quais não são biológicas e necessitam de um mediador par se tornar concreta, por exemplo, há várias tarefas para serem cumpridas num determinado dia, mas para não esquecer de executar nenhuma delas se faz necessário consultar a agenda onde, anteriormente, já havia sido listada tais tarefas, pode-se dizer que, neste caso, a agenda é o mediador para a lembrança de todas as tarefas

**Estudante Y:** o trabalho na sociedade capitalista é a afirmação de riqueza, Engels traz a visão de trabalho como forma de desenvolvimento das características físicas e biológicas do ser humano ao longo dos anos, como exemplo das mãos, que aos poucos foi permitido desenvolver outras características associadas a criação dos sentidos da linguagem e da consciência crítica da realidade, o trabalho é focado enquanto desenvolvimento humano sendo com condição necessária para essa evolução.

O surgimento do trabalho veio da apropriação, essa apropriação genérica em si, são aquelas apropriações irrefletidas, exemplo comer, escovar dentes, entre outros, a apropriação genéricas para si, são aquelas apropriadas de modo refletido, exemplo é atenção involuntária

Nos trechos destacados anteriormente os estudantes X e Y salientam que o trabalho funda a nossa humanidade, bem como discutem as características do processo de apropriação das objetivações genéricas em-si e das objetivações genéricas para-si. As objetivações são elaborações sociais derivadas do trabalho que compõem a cultura humana. Desde o primeiro momento de vida, o ser humano se apropria de objetivações que dão conta de suas necessidades imediatas. Estas incorporações se dão de forma espontânea. Em outras palavras, aprendemos a comer, a falar, a utilizar os instrumentos básicos sem refletir acerca destes processos. Segundo Heller (1989), estas apropriações espontâneas se dão no campo das objetivações genéricas em-si, e se referem aos objetos, instrumentos, linguagens e costumes de uma dada cultura. Além das objetivações em-si, a autora assegura a existência de outro tipo de genericidade que é qualitativamente diferente desta primeira e que também deve constituir a nossa humanidade, são as objetivações genéricas para-si, que se referem às ciências, à filosofia, à arte, à ética e à política.

Tanto o estudante X, quanto o estudante Y associa o processo de apropriação das genericidades em-si e para-si ao desenvolvimentos das funções psíquicas elementares e superiores. Aqui cabe, portanto, um esclarecimento segundo Vigotski (2001) entre funções psicológicas elementares e funções psicológicas superiores. As funções psicológicas elementares (FPE), tais como reflexo, memória involuntária, atenção involuntária, são dadas pela nossa matriz biológica desde o nosso nascimento. As funções psicológicas superiores (FPS), tais como atenção voluntária, abstração, linguagem, memória voluntária, comportamento volitivo são funções mediadas por signos, desenvolvidas exclusivamente no processo social através da apropriação dos elementos culturais produzidos pela humanidade. Por meio do trabalho o homem se humaniza a partir do desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Estas discussões decorrentes da Psicologia Histórico-Cultural também são realizadas na disciplina em questão.

Outros aspectos importantes ressaltados nestes fragmentos são: a ambivalência do trabalho (ao realizar trabalho nem o homem nem a natureza são os mesmos), a natureza da liberdade da apropriação o desenvolvimento da linguagem e da consciência crítica a partir do trabalho.

## **Considerações Finais**

Desmistificar a concepção negativa de trabalho nos dias atuais é uma tarefa árdua e muito difícil. Tendo em vista a alienação profunda em que está submetido o trabalhador na lógica do sistema capitalista. Entretanto, compreendemos que só por meio da instrumentalização dos sujeitos poderemos conscientizar criticamente estes, de modo que compreendam que o trabalho não só dignifica o homem como funda a sua humanidade; seja por meio das objetivações humanas ou por meio da apropriação do legado sócio-histórico construído por homens e mulheres de geração a geração.

Componentes curriculares como O Professor e o Ensino da Química que discutem as relações de poder que estão por traz dos vínculos empregatícios na nossa sociedade precisam estar presentes em todos os cursos de formação superior, para que as pessoas se apropriem dessa realidade e lutem em suas práticas diárias contra elas.

Pudemos notar por meio das falas dos estudantes que estes apresentaram uma compreensão de que o trabalho é algo inerente a constituição humana, que o trabalho inaugura a nossa existência social. Esperamos que no dia a dia destes sujeitos que eles possam lançar mão deste conhecimento e passem a pensar as relações trabalhistas de outro modo. Mesmo tendo consciência que o trabalho que realizamos hoje está dentro do “contrato social” de exploração burguesa esperamos que estes estudantes desmistifiquem as suas compreensões negativas acerca do trabalho, elevem a sua consciência de classe, com repercussões na sua concepção de sociedade, de conhecimento, de educação e do trabalho pedagógico e sempre lutem por melhores condições para todos os trabalhadores do mundo, com o objetivo maior da emancipação humana.

## Referências

- ECHEVERRÍA, A.; BENITE, A.; SOARES, M. A pesquisa na formação inicial de professores de química: a experiência do instituto de química da Universidade Federal de Goiás: In: ECHEVERRIA, A.; ZANON, L. **Formação superior em química no Brasil**: práticas e fundamentos curriculares. Ijuí: Unijuí, 2010.
- HELLER, A. **Cotidiano e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- KUENZER, A. O trabalho e a formação do professor da educação básica no MERCOSUL/CONE SUL. In: TRIVIÑOS *et al.* **Trabalho e a formação do professor de educação básica no MERCOSUL/CONE SUL**. Florianópolis: [s. n.], 2012.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.
- MARX, Karl, **O capital**: o processo de produção do capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Livro 1, v.1. 1980.
- MÉSZÁROS, I. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. 2 ed. reimpressa. São Paulo: Boitempo, 2006.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2007.
- VIGOTSKI, Liev Semiónovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.